



A construção de um ecossistema midiático como extensão universitária a serviço da comunicação intercultural entre migrantes e brasileiros

The construction of a mediatic ecosystem as university extension in service of the intercultural communication between migrants and Brazilians

João Paulo Rossini Teixeira Coelho
Mestrando na Universidade de Lille 3
jrossini96@gmail.com

Otávio Cezarini Ávila
Doutorando na Universidade Federal do Rio de Janeiro
otaviozcav@gmail.com

RESUMO

O Brasil tem passado por uma nova onda migratória nesta última década, caracterizada especialmente pelos fluxos de refugiados. Após uma contextualização desses movimentos, apresentamos o projeto de extensão *Diaspotics*, o qual congrega um ecossistema midiático atuante desde 2012 sob uma tripla perspectiva: formação de estudantes universitários, divulgação de informação sobre o tema das migrações à comunidade externa, além do apoio aos migrantes e refugiados no Brasil com vistas a constituir-se como espaço de pluralidade de perspectivas sobre a presença de migrantes transnacionais no país. Defendemos que a ideia de extensão esteja condicionada à abertura ao diálogo, condição da ação comunicativa (Freire, 1970), e possibilitada, no caso do qual tratamos, pela ação de pôr brasileiros e estrangeiros em um comum intercultural. Após exemplificar esse tipo de comunicação nas ações do projeto, compreendemos que o diálogo entre os diferentes é um caminho complexo, mas de solidez para construir uma sociedade mais justa.

Palavras-chave: comunicação intercultural, migrações, extensão universitária.

ABSTRACT

During the last decade Brazil has been passing through a new migratory wave mostly characterized by refugee fluxes. After contextualizing these movements, we introduce the university extension project *Diaspotics*, that gather a mediatic ecosystem that works since 2012 under a triple perspective: forming undergraduate and postgraduate students, providing information about the migrations theme to the external public besides supporting migrants and refugees in Brazil. This project's goal is to compose a space with a plurality of perspectives on the presence of transnational migrants in the country. We defend the idea that the university extension is conditioned to the openness to the dialogue, condition of communicative action (Freire, 1970), and made possible in the case that we approach by the intercultural action of putting in common Brazilian and foreign people. After exemplifying this kind of communication in the project's actions, we understand that the dialogue between culturally different people is a complex, but solid path to build a more just society.

Keywords: intercultural communication, migrations, university extension.

INTRODUÇÃO

O ecossistema webdiaspórico composto pelo site *O Estrangeiro*¹, seus espelhos no *Facebook*² e no *Instagram*³, o grupo *Brasil País de Imigração*⁴, o site de pesquisa e referência *Diaspotics – Migrações Transnacionais e Comunicação Intercultural*⁵ e o site do *Fórum de Migrações*⁶, evento interdisciplinar de referência ao grupo, constituem a base de um projeto de Extensão criado pelo Grupo de Pesquisa *Diaspotics* desde 2012 e registrado formalmente na Pró-reitora de Extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) desde 2018. A iniciativa é executada segundo uma tripla perspectiva de atuação: formação, informação e apoio aos migrantes e refugiados.

O caráter formativo se dá por conta do trabalho de formação de alunos de graduação e pós-graduação, notadamente da Escola de Comunicação, do seu Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM), assim como do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades do Instituto de Psicologia (EICOS), ambos da UFRJ, que, ao longo desses 8 anos de história, vêm produzindo o conteúdo dessa rede.

A especificidade informativa se concretiza na função de informar a população brasileira e estrangeira no Brasil sobre notícias, história, legislação, eventos, legado e trocas culturais, pesquisas científicas, associações, dados em geral, oportunidades de estudo e trabalho para estrangeiros no país, entre outras temáticas. Além da divulgação das oportunidades de estudo e trabalho descritas acima, o apoio a migrantes e refugiados se efetiva por meio da criação de postagens contendo informações básicas necessárias a quem migra para o Brasil, especialmente no que tange à documentação. Não por acaso, as páginas mais lidas do site *O Estrangeiro* são as que hospedam esse tipo de conteúdo, com dezenas de milhares de cliques.

O ecossistema também está constantemente em contato com esses sujeitos migrantes, que enviam mensagens, nos diversos canais, expondo demandas específicas. Suas questões vão desde dúvidas com documentação e legislação até a vontade de contar sua história. O depoimento de refugiados e migrantes em geral já foi publicado tanto em forma de entrevistas quanto em textos escritos, geralmente em forma e tamanho livres, por eles mesmos.

Os objetivos dessa ação de extensão são, a partir da formação de estudantes e pesquisadores no ambiente universitário, da informação sobre migrações e do estabelecimento de espaços de debate e troca on-line, apoiar os

¹<https://oestrangeiro.org>

²<https://www.facebook.com/oestrangeiro.org/>

³<http://instagram.com/migrantesnobrasil>

⁴<https://www.facebook.com/groups/brasilpaisdeimigracao/>

⁵<https://diaspotics.org>

⁶<https://forumdeimigracao.org/>

imigrantes, refugiados e estudantes estrangeiros no Brasil, independentemente de sua origem, classe social, etnia ou credo. Orientar, informar e dar a palavra a esses mesmos imigrantes, denunciando, quando for preciso, atitudes discriminatórias, preconceituosas ou contrárias aos princípios de respeito e dignidade humana. Dar a palavra aos cidadãos interessados pelo tema ou preocupados com a questão, constituir uma plataforma de atuação junto à mídia, à sociedade civil e à opinião pública. Agregar instituições sociais, políticas ou humanas implicadas na questão migratória no Brasil e, também, colaborar com as redes de pesquisa que têm o fenômeno migratório como foco de ação e atuação. Todas as atividades realizadas pregam o pensamento crítico, o Humanismo, a Dignidade e os Direitos Humanos, Justiça Social, Democracia e, sobretudo, a liberdade de ir e vir.

Figura 1: Interface das páginas do projeto Diaspotics na internet.



Antes de mais nada, a pertinência dessas ações se dá pela importância dos fluxos migratórios como parte da constituição humana enquanto espécie. A prática remete a tempos imemoriais e toma, nas últimas décadas, proporções populacionais, econômicas e sociais cada vez maiores. No ano de 2019, o número de migrantes internacionais no planeta ultrapassou 272 milhões de pessoas (IOM, 2019). No mesmo ano, o Brasil contabilizava por volta de 1,2 milhão de migrantes regulares (Oliveira, 2019, p. 83) numa população de 210 milhões de pessoas, o que representa cerca de 0,6% desse montante. O número é baixo se comparado aos de países que tradicionalmente recebem muitos imigrantes regulares e ilegais, a exemplo dos Estados Unidos, Canadá, Alemanha, Espanha e França, cujas cifras historicamente alcançam mais de 10% (Arantes, 2015) do total de habitantes.

O economista Roberto Uebel (2016, p. 109-110) aponta que, no caso da

realidade brasileira, na última década passamos por uma segunda era das migrações para o país, porém com um fluxo populacional bem menor do que o da primeira, ocorrida durante o final do século XIX e as primeiras décadas do XX. Mais do que encarar o recente aumento das cifras e a crise de recepção dessas pessoas simplesmente como uma "crise migratória", a mobilidade humana internacional constitui valiosa oportunidade de investigar as sociedades contemporâneas, especialmente no que tange às suas maneiras de lidar com a alteridade e de representar coletivamente pessoas e práticas vistas como diferentes.

Com relação ao refúgio, de um total de aproximadamente 70,8 milhões de refugiados no mundo, por volta de 11 mil foram reconhecidos no Brasil de 2010 a 2018 (Conare, 2019). Além disso, de dezembro de 2019 a janeiro de 2020, o Governo Federal reconheceu quase 40 mil venezuelanos como refugiados (Rodrigues & Palma, 2020), considerando o princípio de graves violações de direitos humanos como critério de elegibilidade dessas pessoas à situação de refúgio. Também é importante ressaltar os mais de 100 mil solicitantes de refúgio entre os anos de 2011 e 2017, muitos deles até hoje aguardando apreciação de seus pedidos por parte do Comitê Nacional para os Refugiados, órgão atrelado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública (Conare, 2019).

Ainda que as estatísticas sobre migrações forçadas e não forçadas no Brasil sejam pouco expressivas se comparadas ao tamanho da população do país, supor que "muita gente" implica "problemas maiores" é uma forma equivocada de lidar com o fenômeno migratório, especialmente na realidade social brasileira (Uebel, 2016). Entre 2007 e 2014, a proporção de haitianos e senegaleses no Brasil constituía apenas 1,5% do total de migrantes, enquanto a de portugueses contabilizava 17%, mas debates entre brasileiros e os destaques da mídia focavam majoritariamente no crescimento da chegada dos primeiros dois grupos (idem, p. 111) e nas questões intrínsecas à recepção dessas pessoas. Mesmo em menor quantidade absoluta se comparados aos indivíduos vindos de Portugal, senegaleses e haitianos atraíam mais atenção e, em sua mobilidade para o país, sofreram resistência maior da população brasileira.

Analisando esses eventos sob uma perspectiva histórica, é possível associá-los às políticas de migração brasileiras dos séculos XIX e XX, quando o Estado estimulava a vinda de europeus, com objetivos de branqueamento da população e de uma suposta melhora da "pureza racial" no país, além da notória substituição obrigatória da mão-de-obra escrava que persistiu até o final do Império. Esta ferida social carrega consigo consequências profundas na contemporaneidade, numa sociedade cujo racismo marcou profundamente a formação da identidade nacional brasileira (Lesser, 2015) e pode dar pistas sobre as formas como funcionam, na prática, contradições intrínsecas à nossa realidade cotidiana.

Ao mesmo tempo, a população brasileira pode contar com as perspectivas dos sujeitos estrangeiros sobre a nossa sociedade para ter a oportunidade de encarar a si mesma e entender-se mais a fundo. A alteridade, simbólica do indivíduo estrangeiro e sua marca por excelência perante os outros, impõe o

exercício de aceitação da diferença e um reencontro com o passado colonial, escravocrata e elitista – que, de certa maneira, ainda constitui nosso presente.

A nova onda migratória da última década foi caracterizada principalmente por um aumento na chegada de refugiados. Um ponto marcante para a mudança foi o terremoto no Haiti, em 2010, tendo o Brasil se mobilizado em ajuda humanitária ao povo haitiano. Também chegaram imigrantes árabes, africanos e, mais recentemente, houve expressivo crescimento de pedidos de asilo por parte de venezuelanos, que vêm entrando no país principalmente pela fronteira com o Estado de Roraima. Casos de xenofobia também foram registrados nos últimos anos, fato não surpreendente, dada a representação do estrangeiro construída historicamente pela mídia impressa brasileira, instrumento do projeto nacional fortemente assimilacionista e racista engendrado pelas elites (Campos, 2015) ao qual nos referimos acima.

Tais movimentos migratórios também são formados por grupos que vieram massivamente para o Brasil no passado. É possível citar como exemplos os portugueses, com 15 mil cidadãos que receberam autorizações temporárias ou permanentes de trabalho no país entre 2004 e 2015 (Pires et al., 2017, p. 111), e os italianos, com 30 mil vistos permanentes ou temporários concedidos de 2000 a 2015 (De Maria, 2016, p. 7). Outro dado importante dos fluxos migratórios para o Brasil na última década é o aumento do número de estudantes estrangeiros registrados no país. Na educação básica, o número cresceu de 34 mil para 72 mil no período de 2008 a 2016 (Souza, 2018).

Experiências no campo amplo das migrações que promovam trocas simbólicas entre estrangeiros e brasileiros, a exemplo de projetos de extensão, oficinas e eventos são essenciais para explorar nossa identidade nacional e tentar entender melhor pontos centrais de nossa sociedade.

COBERTURA E ATUAÇÃO DO *DIASPOTICS* NAS MIGRAÇÕES PARA O BRASIL

Ao longo de sua história, o projeto vem comunicando sobre as migrações e estabelecendo, simultaneamente, espaços de diálogo e troca de informações com os migrantes, refugiados, pesquisadores da área, membros de associações relacionadas às migrações e indivíduos que simpatizam com o tema.

Os principais fluxos migratórios para o Brasil nos últimos anos foram acompanhados pelo site *O Estrangeiro* enquanto aumentava notadamente a cobertura da mídia especialmente sobre a vinda de haitianos, sírios e, mais recentemente, venezuelanos para o país. Muitas vezes acolhendo depoimentos e divulgando as narrativas de indivíduos que vieram desses países, como por exemplo o poeta haitiano Rei Seely⁷ residente em Curitiba, ou o sírio Taj Din⁸, dono de um restaurante na Tijuca, bairro da zona norte do Rio de Janeiro.

⁷Ver Rei Selly (2018).

⁸Ver Ávila (2019b).

Também foi potencializada a voz de imigrantes que entraram em contato com o projeto de extensão e enviaram seu relato sobre a empreitada migratória, como foi o caso do tradutor e revisor de conteúdo na web, o italiano Federico Jorio⁹, até então residente na capital paulista. Os alunos de graduação e pós-graduação que vêm contribuindo para o projeto também montam *clippings*¹⁰ mensais das principais notícias relativas às migrações como parte da imersão neste universo (principais fluxos migratórios no país, números atualizados, organizações de referência, acontecimentos de destaque na opinião pública, diretrizes governamentais, etc.).

O legado das migrações no país, assim como a interculturalidade no Brasil, proveniente de trocas culturais ocorridas aqui ao longo da história, também são temas abordados pelo *O Estrangeiro*. Para dar alguns exemplos, a história das migrações italiana e japonesa para o Rio de Janeiro e São Paulo, as raízes pomeranas no Estado do Espírito Santo, as tradições russas que permanecem presentes na cultura de regiões específicas do Paraná, a luta para preservar os dialetos Talian e Hunriqueano no Rio Grande do Sul, assim como a importância da *Sociedade dos Amigos da Rua da Alfândega e Adjacências* (SAARA), que agrega comerciantes árabes, judeus, chineses e brasileiros no Centro do Rio de Janeiro¹¹.

Ações do Governo, marcos jurídicos e indicações sobre como proceder para adquirir documentos relativos à migração e ao refúgio foram noticiadas no *O Estrangeiro*, por vezes em artigos comentados criticamente por estudiosos do tema. Podemos destacar quando, em 2014, o Rio de Janeiro foi o primeiro Estado da Federação a ter um plano de acolhimento de refugiados¹²; o Projeto de Lei 2516/2015, que visava à redução de diferenças legais entre brasileiros e estrangeiros¹³ e em 2017 foi aprovado com alterações; já em 2019, a Portaria nº 666/2019, do Ministro da Justiça Sérgio Moro, que enquadra o estrangeiro como possível “pessoa perigosa”¹⁴, assim como o marco de um ano do Brasil fora do Pacto Global para a Migração¹⁵. Este último escrito especialmente para o site em uma ação vinculada ao Projeto de Promoção dos Direitos de Migrantes (ProMigra), de São Paulo.

Esta integração do projeto de extensão com associações em prol da migração são estratégias de capilaridade das ações do *Diaspotics*. Instituições formadas por estrangeiros ou trabalhando junto de migrantes e refugiados no Brasil visitaram ou foram visitados, em encontros, entrevistas ou eventos.

⁹ Ver Jorio (2018).

¹⁰ Ver, por exemplo, Paraguassu, Bragança, Izecksohn, Petacci & Vasconcelos (2019).

¹¹ Ver Machado (2016).

¹² Ver Allemand (2014).

¹³ Ver Pela igualdade (2016).

¹⁴ Ver Montaña, Nogueira & Bastos (2019).

¹⁵ Ver Ramos (2020).

Algumas dessas foram: *Abraço Cultural*¹⁶, escola de idiomas com professores refugiados; a associação judaica progressista *Scholem Aleichem de Cultura e Recreação* (ASA)¹⁷, que promove debates, cursos e seminários sobre o legado dos migrantes judeus; a organização *África do Coração*¹⁸, fundada pelo congolês Jean Katumba e que tem como objetivo ajudar no acolhimento de refugiados no Brasil; além da ONG *Mawon*¹⁹, fundada pelo haitiano Bob Montinard e a francesa Mélanie Montinard, com o objetivo de assessorar migrantes com sua documentação no país.

A cobertura e a organização de eventos culturais e acadêmicos sobre as migrações e o refúgio no Brasil também são parte da atuação do projeto de extensão. Alguns dos eventos cobertos foram o *Festival de Día de Muertos*, comemoração do Dia dos Mortos mexicano no Rio de Janeiro²⁰; o evento *Rio Refugia*²¹, que marcou o Dia do Refugiado, em 20 de junho; a feira mensal *Chega Junto*²², onde brasileiros, migrantes e refugiados vendem seus produtos; além do evento do *Museu de Astronomia e Ciências Afins* (MAST) sobre a astronomia e multiculturalidade²³.

Dentre os eventos co-organizados, podemos destacar a *Feira Retirantes, Imigrantes e Refugiados*, em parceria com a Biblioteca Parque da Rocinha e diversas associações²⁴; o evento *Migrações e Refúgio – Presença, História e Desafios no Rio de Janeiro*²⁵, junto com a Decania do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da UFRJ; além do *Fórum de Migrações*, que em 2017 teve sua nona edição, e do Simpósio de Pesquisa sobre Migrações (parte constitutiva do Fórum de Migrações), cuja sétima edição ocorreu em novembro de 2019. Os dois últimos encontros reúnem estudiosos brasileiros e estrangeiros para apresentar trabalhos e realizar mesas de debates sobre o tema das migrações para o Brasil, traçando anualmente um panorama sobre as pesquisas em curso na área.

A equipe visa transformar estudos sobre os fluxos migratórios em informações mais acessíveis para o público migrante e brasileiro presente em seus canais. Foram divulgadas, por exemplo, pesquisas sobre a espacialidade urbana e as migrações²⁶, as relações entre os estados e a empreitada migratória²⁷ ou sobre a importância das celebrações das origens para a construção das

¹⁶ Ver Ávila (2018a).

¹⁷ Ver Fuentes-Flores (2019).

¹⁸ Ver Fontoura (2015).

¹⁹ Ver Gonçalves (2019).

²⁰ Ver Rossini (2019a).

²¹ Ver Ávila (2019a).

²² Ver Ávila (2018b).

²³ Ver Paraguassu (2019).

²⁴ Vasconcelos & Izecksohn (2019).

²⁵ Ver Fotografias (2018).

²⁶ Ver Aguiar (2019).

²⁷ Ver Villarreal (2019).

identidades sociais de migrantes, além de muitas outras²⁸.

Informações relativas aos estudantes estrangeiros no Brasil, sejam estatísticas sobre o tema em determinados Estados da Federação, processos seletivos com vagas de pós-graduação para migrantes e refugiados²⁹ ou até os períodos de realização do exame de proficiência em português para estrangeiros CELPE-Bras³⁰, foram divulgados no site. Outro momento importante coberto foi a extensão do programa Erasmus Mundus³¹ para o Brasil, em março de 2013. Mais recentemente, o site publicou a série MITRA no Rio, com depoimentos de alunos do mestrado Erasmus Mundus Mediação Intercultural e Migrações Transnacionais (MITRA) sobre sua experiência no Rio de Janeiro³².

CANAIS E DADOS

O site *oestrangeiro.org* tinha, até o dia 21 de abril de 2020³³, por volta de 1800 artigos publicados, 1.254.700 visualizações no site e 4.103 pessoas cadastradas para receber por e-mail mensagens alertando sobre as atualizações das publicações. A página inicial é dividida em 7 seções que distribuem os artigos por temas: *imigrantes e refugiados*, cada uma sobre eventos e depoimentos de sujeitos; *estudantes*, trazendo informações sobre ensino e migrações; *legislação*, com leis brasileiras sobre migrações e refúgio; *diáspora*, com artigos sobre as diásporas de diversos povos para o Brasil; *análises*, com textos escritos sobre diferentes temas relativos à migração; assim como *publicações*, seção que abarca estudos publicados por estudiosos das migrações no país.

Os artigos mais lidos do site foram predominantemente os que continham informações sobre a documentação de estrangeiros no Brasil. Entre esses artigos: "CPF para estrangeiros"³⁴ (74.831 visualizações), "Documentação para estrangeiros"³⁵ (66.147 visualizações) e "Como solicitar vistos e naturalização"³⁶ (58.207 visualizações). Esses dados, considerando o grande número de acessos aos textos destacados, permitem ressaltar a importância do *O Estrangeiro* como canal de informação e apoio de pessoas que migraram ou pretendem migrar para o Brasil.

Seu grupo no *Facebook* intitulado *Brasil País de Imigração* foi fundado em 5 de março de 2012 e conta hoje com 6.684 membros. O espaço virtual se tornou uma comunidade que reúne indivíduos migrantes, brasileiros interessados pelo tema e migrantólogos do Brasil e da América do Sul. Nesse local

²⁸ Ver Escudero (2019).

²⁹ Ver Programa de Psicologia (2019).

³⁰ Ver Falas português (2016).

³¹ Ver Erasmus Mundus (2012).

³² Ver Rossini (2019a).

³³ Os dados desta seção são relativos a este dia.

³⁴ Ver CPF para estrangeiros (2013).

³⁵ Ver Documentação para estrangeiros (2013).

³⁶ Ver Como solicitar vistos (2013).

são compartilhadas notícias, normalmente de canais de estrangeiros no país e de fora da mídia hegemônica; eventos culturais e acadêmicos que ocorrem em diversas cidades do Brasil e em outros países da América Latina; além de serem anunciados produtos concebidos e comercializados por estrangeiros, como por exemplo vestimentas ou alimentos de determinado país, com destaque para os anunciados por haitianos e venezuelanos no grupo.

Em novembro de 2019, foi criado o perfil do *Estrangeiro* (@migrantesno-brasil) no Instagram. Ter uma página nessa rede social é importante porque, além de ser uma plataforma que permite a interação com perfis de migrantes e refugiados, o mapeamento de produtos e serviços ofertados por e para essas populações, também torna possível cobrir em tempo real, com fotos e vídeos, eventos e depoimentos de indivíduos envolvidos diretamente nas migrações para o Brasil.

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA CONTRIBUINDO NO DIÁLOGO ENTRE OS DIFERENTES

Com suas ações, sua produção de informação e a criação de espaços de diálogo entre brasileiros e estrangeiros, o ecossistema webdiaspórico produzido pelo *Diaspotics* se estabelece enquanto uma iniciativa encorajadora da comunicação intercultural e das trocas simbólicas entre os dois grupos. Esta proposta exemplifica como a extensão universitária pode contribuir para a construção de uma sociedade em que os indivíduos, por intermédio da interação com o diferente, têm a oportunidade de colocar em questão o que já é dado e naturalizado por eles. Aqui, abrem-se duas janelas conceituais importantes para compreender as atividades expostas: a compreensão da extensão como comunicação e da ideia de estrangeiridade e sua relação com a comunicação intercultural.

Nas sociedades ocidentais, o migrante é o estrangeiro e constitui por excelência o Outro, o de "fora", o oposto do "autóctone", que está "dentro". O sociólogo Alfred Schütz (2010) tece uma explicação sobre a formação dos sistemas de conhecimento assimilados pelos membros de um grupo para evidenciar o movimento de entrada do estrangeiro em uma nova realidade social. Para ele, tais sistemas, posto que são restritos às suas situações históricas específicas e validados pelas instituições e pelos membros desses locais, não constituem valor absoluto e, na verdade, entregam uma "aparência de (...) suficiente coerência, clareza e consistência para dar a qualquer um, uma chance razoável de entender e ser entendido" (Schütz, 2010, p. 121). Ele entende esse "pensar habitual" ou "padrões culturais" como receitas confiáveis para viver no mundo social, em realidades autoexplicativas que eliminam indagações incômodas sobre a vida em grupo.

Ainda segundo Schütz, ao chegar a um novo local, o estrangeiro coloca à prova os padrões culturais do grupo que ali vive, do qual não faz parte. Por não compartilhar da tradição histórica que ancora a formação daquela realidade social, os costumes desse lugar até então nunca tinham se tornado parte da biografia do migrante. Uma vez no novo ambiente social, o "pensar habitual" do próprio estrangeiro opera tentativas de interpretar "um segmento do mundo social que tem que ser dominado por ações" (Schütz, 2010, p. 123). Assim, então, ele começa a participar daquele novo contexto e o que era afastamento se transforma em negociações identitárias com a sociedade de recepção. Logo, ao participar dessa sociedade outra, o migrante é obrigado a tentar dar sentido àquele ambiente enquanto o vive cotidianamente e o experimenta. Paulatinamente, essa pessoa também passa por mudanças subjetivas ao longo do processo.

E como é ser migrante no Brasil? Como é depender da infraestrutura de um local com problemas crônicos na prestação de serviços básicos mesmo à população nascida aqui? Ao trazer consigo demandas específicas à sociedade brasileira, o estrangeiro também pode evidenciar mais claramente, com um olhar externo – Schütz (2010, p. 123) o chama de "observador desinteressado", que supostamente está tentando se tornar membro do grupo aproximado –, questões concretas a serem resolvidas. Se nos últimos anos houve um aumento considerável do número de alunos estrangeiros na educação básica, como trouxemos em dados numa seção anterior (Souza, 2018), é necessário haver uma ampliação na oferta de educação intercultural e inclusiva, assim como na infraestrutura física das escolas. E essas melhorias podem ser aproveitadas, no futuro, por jovens que forem exercer seu direito à educação, independentemente da nacionalidade de origem.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2017) disserta sobre a recente crise de recepção de migrantes e refugiados que tem tido consequências evidentes principalmente na Europa, mas que, nas palavras dele, adquire também feições globais. Ao fazer um balanço sobre as consequências das políticas migratórias no continente europeu, o autor debate os regimes de visibilidade intrínsecos à relação das comunidades receptoras com a figura do migrante. Para Bauman, os migrantes são tratados como "remanescentes", pessoas "afastadas da vista, das preocupações e da consciência – nascidos e criados que somos em meio aos confortos e conveniências deste mundo" (Bauman, 2017, p. 89). Ele defende que, com o aumento dos fluxos migratórios, nós somos obrigados a ver pessoalmente esses indivíduos, a confrontá-los olho no olho em nossos países.

De certa forma, um processo análogo vem ocorrendo no Brasil em decorrência das novas comunidades migrantes, especialmente as refugiadas, que aqui chegam e necessariamente suscitam formas de contato e respostas por parte da população nacional. Se o estrangeiro reivindica visibilidade, seja de forma consciente ou não, qual é o produto desse convívio? Conviver é o que torna possível, através da comunicação, colocar as diferenças em comum nos espaços compartilhados.

Buscando entender a interface entre a comunicação e a alteridade, Vicente e Ferreira (2016) sugerem que segundo a interdependência entre o *eu* e o *tu* no diálogo entre sujeitos de comunicação, é possível fazer fluir os significados e desenrolar-se o efetivo processo comunicativo. Para eles, os participantes criam conjuntamente algo novo, diverso da percepção e do repertório individual de cada um dos deles, mas sem que tal processo anule a importância de tais vivências. Essa discussão entre sujeitos para Vicente e Ferreira – o diálogo, “do latim *diálogos*: palavra, fala, discurso (*logos*) que atravessa, que perpassa (*dia*)” (Vicente & Ferreira, 2016, p. 121) – tem como objetivo a observação de opiniões e significados, em seguida compartilhando o conteúdo comum. Resumindo, o diálogo, sob tal perspectiva, é estabelecido a partir de distintas percepções do mundo vivido.

Entretanto, “comunicação”, em seu sentido amplo, é um termo confuso, polissêmico. Para tratar do contato e das trocas intersubjetivas entre estrangeiros e “locais”, estamos nos referindo especificamente à comunicação intercultural. A comunicóloga Ulrike Schröder (2008) considera os usos de tal conceito usualmente irregulares, vagos e inflacionados. Para mapear teoricamente a noção, Schröder faz um trabalho de desconstrução e reconstrução do termo “comunicação intercultural”, segundo as ideias de *comunicação* e *cultura*. Para entender a primeira, faz-se necessário levar em consideração o papel dos interlocutores em seu processo, que não é o de meros transmissores direcionais de mensagens, seja no papel de falante ou no de ouvinte. Já a *cultura*, segundo ela, é constitutiva de mundos de sentido criados por meio da linguagem e, concomitantemente, representa o processo desta criação.

A conclusão da autora é de que a comunicação intercultural depende da interação entre falante e ouvinte, diferenciando-se da “intracultural” segundo o grau de proximidade ou afastamento percebido entre os participantes: quando não é mais possível recorrer, no processo comunicativo, apenas às suas normas e ao que se entende como os seus próprios padrões de comportamento. Tal noção da comunicação intercultural se estabelece como uma noção perceptiva do que é ou não intercultural: de acordo com o julgamento dos interlocutores do diálogo sobre a experimentação ou não das diferenças entre eles. Em vista disso, o processo de comunicação intercultural é, por excelência, um meio de contato com a alteridade e também uma forma implícita de cidadania. Essa resposta às diferenças culturais não se utiliza do estigma e nem da violência.

No processo de pôr as diferenças em jogo no ato comunicativo, uma possível postura para tratar das questões resultantes das interpretações divergentes dos interlocutores é ter uma postura “extracomunicativa”, uma perspectiva observadora e uma conscientização sobre o seu sistema cultural e o do próximo (Schröder, 2008, p. 47). A potência da conceituação comunicação intercultural está exatamente fundamentada em sua abertura: entender que comunicar é se deixar envolver na diferença, produzida em diferentes graus, entre diferentes pessoas e nas mais diversas situações.

Figura 2: Mesa de debate Gênero e Migrações do VII Simpósio de Pesquisa Sobre Migrações.



Crédito: *Diaspotics/UFRJ*

É neste universo conceitual construído para a comunicação intercultural como mote ao estudo das migrações que se forma também o vínculo à compreensão da extensão. Em um dos clássicos das obras freireanas, o filósofo da educação faz uma pergunta que se tornaria chave às ações de extensão universitárias no Brasil: "extensão ou comunicação?" (Freire, 1970). Essa pergunta, formulada no livro que leva o nome dessa questão central, a princípio se aplicava aos cursos de ciências agrárias e à problemática do conhecimento acadêmico do agrônomo versus o conhecimento adquirido pela experiência do agricultor.

No livro, Paulo Freire (1970) persiste na ideia da crítica a uma educação voltada à transferência de conteúdo para o que ele indicaria propriamente como a essencialidade de todo o processo educativo: a abertura às diferenças pelo diálogo, transformando a extensão (que ele entende por invasão cultural) em comunicação. O significado da comunicação encontra eco nas formulações mais recentes do termo, inclusive neste artigo. Ao entender o mundo humano como um mundo de comunicação, Freire entende a genealogia do homem pelo diálogo: "O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto" (1970, p. 66). Para ele, a educação é propriamente uma comunicação e diálogo na medida em que não se tratando de transferência de saber, dá-se lugar ao "encontro de sujeito interlocutores que buscam a significação de significados". (idem, p. 69).

A partir dessa reflexão e indo para além das ações relativas à *informação* sobre a presença de estrangeiros no Brasil e da divulgação de notícias e de instruções que visam dar apoio a essas pessoas que chegam e vivem no país,

quais formas específicas de *comunicação intercultural* entre brasileiros e migrantes podemos destacar na atuação do projeto de extensão promovido no *Diaspotics*? É possível dividi-las em dois tipos principais: presenciais e remotas, sendo essa segunda forma possibilitada pelas tecnologias de informação e comunicação.

As atividades presenciais são aquelas nas quais há o "olho no olho" com o estrangeiro, onde se encontram esses indivíduos, além de pesquisadores e outras pessoas com afinidade pessoal pelo tema das migrações. Na cobertura e organização de eventos culturais, toma-se parte diretamente em ações nas quais mostra-se a cultura do estrangeiro, possibilita-se ao brasileiro participar, ainda que temporariamente, do modo de ser e de se expressar do Outro, ao experimentar comidas, serviços, participar de atividades ou mesmo apenas estar presente nos eventos, interagindo com maior ou menor intensidade com esses sujeitos. Destaca-se nesse tipo de cobertura a participação mais ativa desses indivíduos, especialmente pelo testemunho escrito ou audiovisual (divulgado pelo canal do Youtube, também chamado de *O Estrangeiro*).

Outro importante tipo de atividade presencial é a organização de eventos acadêmicos, sendo, deles, o *Simpósio de Pesquisa sobre Migrações* o que teve mais edições. Além de representar um mapeamento anual das pesquisas acadêmicas sobre o tema das migrações no Brasil e uma colaboração com os alunos voluntários do Programa de Educação Tutorial da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PET-ECO), o *Simpósio* constitui um incentivo à produção científica interdisciplinar nesse campo. Os trabalhos apresentados constituem regularmente registros dos mais variados sobre como os estrangeiros chegam aqui e são recepcionados no Brasil, podendo orientar e respaldar, futuramente, na acolhida dessas pessoas no país. Além disso, parte dos participantes (pesquisadores ou não) e membros organizadores ao longo das edições realizadas são migrantes vivendo no país que apresentam visões críticas sobre nossa sociedade, com a finalidade de testemunhar sobre sua própria experiência migratória. Nas edições contempladas com financiamento via edital público, a presença da comunidade migrante foi estendida aos empreendedores e artistas, que implementaram a interculturalidade a partir de expressões da gastronomia e das artes.

A aproximação e a defrontação com o diferente é uma realidade ocasionada pelo desenvolvimento das tecnologias de deslocamento espacial, físico, mas também é produto da evolução das tecnologias da informação e comunicação. Parte considerável das atividades desenvolvidas pelo projeto de extensão são experiências remotas, através das quais é possível impactar centenas ou milhares de pessoas à distância e levar a elas as narrativas de sujeitos migrantes e refugiados. A partir desses relatos, podemos entender um pouco de como são tais indivíduos são vistos e recepcionados ao chegar, assim como um pouco do que é visto e sentido por eles ao viver aqui.

Ainda sobre a atuação remota, vale destacar, no campo das redes sociais, o grupo *Brasil País de Imigração* no *Facebook*. Lá é construída uma rede de diálogo sobre o tema das migrações e, a partir desse suporte digital, observam-se

trocas de produtos, serviços e visões de mundo de estrangeiros para brasileiros e vice-versa. Há ofertas de cursos de idiomas, de alimentos, de vestimentas e também são comuns anúncios de vagas de emprego disponibilizadas especialmente para migrantes no Brasil. Mais recentemente, durante a pandemia do novo Coronavírus, as solicitações para entrar no grupo *Brasil País de Imigração* vêm aumentando, e surgem depoimentos de migrantes sobre as dificuldades passadas por eles neste momento. Será essa uma demanda por proteção e pelo sentimento de fazer parte de uma comunidade? A investigação desse componente passa pela conjugação do grupo em sua identidade de pesquisa ao oferecer insumos teóricos e, da mesma forma, utilizando o campo construído por práticas a favor da compreensão da presença migrante na sociedade brasileira.

A título de exemplificação, uma venezuelana (seu anonimato foi preservado) recém-chegada ao grupo publicou, no dia 4 de abril de 2020, um relato sobre a situação de seu esposo, que está preso na fronteira da Venezuela com a cidade de Pacaraima, especificamente no trecho onde há bandeiras dos dois países. O marido dela ficou preso lá com mais 25 pessoas, ao relento e sem condições de se alimentar regularmente, por conta da decisão de fechar a fronteira com o país vizinho tomada pelo Governo Federal brasileiro, resolução político-ideológica supostamente em decorrência apenas da pandemia. O pedido da venezuelana é por visibilidade da situação, para que as autoridades autorizem esses migrantes a passar para o lado brasileiro. Outros dois venezuelanos (cujas identidades também foram preservadas) a responderam, contando de parentes também presos fora do Brasil, uma das famílias também onde estão as bandeiras. Siga, abaixo, a conversa:

Figura 3: Conversa entre três venezuelanos no grupo Brasil País de Imigração, em 03 de abril de 2020.



Fonte: Brasil País de Imigração/Reprodução do Facebook.

No caso específico da imagem acima, o grupo *Brasil País de Imigração* foi um canal para pôr em contato pessoas da mesma nacionalidade que se encontravam em situações semelhantes e possibilitar que elas se comunicassem entre si. Depois do testemunho da primeira venezuelana, aparece mais uma mulher proveniente do país e declara que seu marido também está preso do outro lado da fronteira. Junta-se à conversa um venezuelano, o qual tem filhos e esposa no mesmo marco fronteiriço das bandeiras, dando a ideia de que se comunique à Organização das Nações Unidas (ONU) as circunstâncias nas quais essas pessoas estão.

Os usos das tecnologias da informação e comunicação podem dar visibilidade e suscitar mobilização cidadã conjunta de estrangeiros e não estrangeiros (Cogo, 2010) para questões atinentes à vida em sociedades com fundos estruturais e legais comuns a ambas as partes. Essas formas de organização remotas em grupo permitem uma construção de narrativas a nível micro, quase nunca ou muito pouco evidentes na era da televisão e do rádio, em que a comunicação não tinha os contornos multidirecionais de interconectividade que foram acentuados nas últimas duas décadas.

É evidente que os suportes digitais têm suas características próprias e suas possibilidades permeadas pelo contato mediado com o próximo, o Outro, assim como com o indivíduo estrangeiro. A mediação pode ser definida como "a noção fundamentalmente dialética a qual requer que nós consideremos os processos de comunicação enquanto institucionalmente e tecnologicamente direcionados e incorporados" (Silverstone, 2006, p. 189, *tradução nossa*)³⁷. Como consequência dessa afirmação, deve-se levar em consideração o contexto histórico no qual essa presença e comunicação entre indivíduos é produzida em relação com tecnologias que vêm tomando proporções cada vez maiores em nossas vidas diárias. Novas possibilidades de sociabilidade surgem das novas tecnologias da comunicação e podem ser exploradas pela academia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ecossistema midiático explorado neste artigo se constitui por meio de um projeto de extensão universitária que põe em comum brasileiros e estrangeiros há quase uma década. Pôr em comum pessoas de origens culturais diferentes significa deixá-las dialogar através das ações e interfaces do projeto para que trocas simbólicas possam ser realizadas, de modo que a convivência entre os diferentes constitua a possibilidade de cada parte entender a outra em suas qualidades de sujeito e de mobilizar seus afetos.

Ao comparar e debater as ideias de sociedade e de comunidade, o filósofo Peter Pál Pelbart propõe uma redefinição do comum, que deve ser

³⁷"Mediation is a fundamentally dialectical notion which requires us to address the processes of communication as both institutionally and technologically driven and embedded."

compreendido "mais como premissa do que como promessa, mais como um reservatório compartilhado, feito de multiplicidade e singularidade, do que como uma unidade atual compartilhada" (Pelbart, 2003, p. 30). Concordando com essas ideias, entendemos a importância da diversidade de perspectivas sobre o mundo na construção da coletividade, especialmente no contexto intercultural de aumento do contato da sociedade de acolhimento com os migrantes transnacionais do qual tratamos.

A noção de comunidade, diferente de ser dotada de comunhão e unidade, "é feita de interrupção, fragmentação" (Pelbart, 2003, p. 33), representando o "compartilhamento de uma separação dada pela singularidade" (ib.). A constituição de comunidades, portanto, não é a criação de projetos de vida em grupo nos quais seus integrantes, por quererem ou se sentirem parte de uma unidade em comum, deixam de aceitar em meio a esse espaço a pluralidade representada pelos diferentes. A dinâmica entre as singularidades é o principal ingrediente de constituição dos grupos comunitários, o que torna possível o compartilhamento, entre seus componentes, da diferença e da unicidade de cada um deles.

Por conta disso, nas problemáticas que levantamos ao longo deste artigo, compreendidas pelo projeto de extensão *Diaspotics* e também – a nível mais amplo – por diferentes formas de contato com a diferença, a ideia de intercultural é tão cara. Tendo um "diálogo capaz de produzir um 'lugar' ou uma 'ética' que permita a combinação multidimensional entre aspectos mais ou menos universais e/ou particulares das identidades culturais" (Cogo, 2010, p. 90), indivíduos com ideias, visões e origens diversas constroem formas de cidadania intercultural.

Em um país como o Brasil, de injustiças sociais naturalizadas em nosso cotidiano, a esperança nas possibilidades de diálogo e de aproximação entre os contrários pode parecer desafiadora. Entretanto, é um caminho factível na transformação de uma sociedade que, almeja se tornar menos desigual e mais justa.

REFERÊNCIAS

Aguiar, G. A. (2019, 18 setembro). *“É preciso dar uma resposta à invisibilidade social por meio da visibilidade espacial”, afirma a pesquisadora e urbanista Natália Cidade*. O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2019/09/18/pesquisadora-e-urbanista-natalia-cidade-destaca-a-importancia-de-construir-uma-resposta-a-invisibilidade-social-por-meio-da-visibilidade-espacial/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Allemand, M. (2014, 14 setembro). *RJ, o 1º Estado a ter plano para refugiados*. O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2014/09/14/rj-o-1o-estado-a-ter-plano-para-refugiados/>. Acesso em: 11 nov. 2019. Descritores em Ciências da Saúde: DeCS. 2019. ed. rev. e ampl. São Paulo: BIREME/ OPAS / OMS, 2019. Disponível em: <http://decs.bvsalud.org>. Acesso em: 2 jun. 2020.

Arantes, J. (2015, 7 julho). *O panorama da imigração no Brasil*. Exame. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/o-panorama-da-imigracao-no-brasil/>. Acesso em: 18 ago. 2019.

Ávila, O. (2018a, 9 abril). *No Rio, aquele abraço*. O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2018/04/09/no-rio-aquele-abraco/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Ávila, O. (2018b, 2 abril). *Feira Chega Junto: um convite à interculturalidade no Rio*. O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2018/04/02/feira-chega-junto-um-convite-a-interculturalidade-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 11 nov. 2019. Hipólito, M. C. V., Masson, V. A., Monteiro, M. I., & Gutierrez, G. L. (2017). Quality of working life: assessment of intervention studies. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 70(1), 189-197.

Ávila, O. (2019a, 20 junho). *Rio Refugia 2019: programe-se para os próximos dias (calendário nacional)*. O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2019/06/20/riorefugia2019/>. Acesso em: 11 nov. 2019. Limongi-França, A. C. (1996). *Indicadores empresariais de qualidade de vida no trabalho: esforço empresarial e satisfação dos empregados no ambiente de manufatura* (Tese de Doutorado). São Paulo, SP: Universidade de São Paulo.

Ávila, O. (2019b, 1 abril). *Um sabor sirio na Tijuca*. O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2019/04/01/um-sabor-sirio-na-tijuca/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Brasil país de imigração. (2012). Grupo no Facebook. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/brasilpaisdeimigracao/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Bauman, Z. (2017). *Estranhos à nossa porta*. Zahar.

Campos, G. (2015). *Dois Séculos de Imigração no Brasil: A Construção da Imagem e Papel Social dos Estrangeiros pela Imprensa entre 1808 e 2015*. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 542 f.

Cogo, D. (2010). *A comunicação cidadã sob o enfoque do transnacional*. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, 33(1), 81-103. <http://dx.doi.org/10.1590/rbcc.v33i1.148>

Comitê Nacional para os Refugiados. (2018). *Refúgio em números - 4ª ed.* Conare. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>. Acesso em: 29 mar. 2020.

Como solicitar vistos e naturalização. (2013, 4 setembro). O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2013/09/04/1093/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Jorio, F. (2018, 22 agosto). Conte sua história, Federico Jorio: “A escolha de ir é sempre ligada à esperança de um mundo melhor”. O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2018/08/22/conte-sua-historia-federico-jorio-a-escolha-de-ir-sempre-e-ligada-a-esperanca-de-um-mundo-melhor/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

CPF para estrangeiros. (2013, 24 dezembro). O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2013/12/24/cpf-para-estrangeiros/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Portaria n. 971, de 3 de maio de 2006. (2006). Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Brasília, DF.

De Maria, P. F. (2016). Italianos no Brasil: Levantamento sobre o século XXI a partir dos dados de registro de estrangeiros (SINCRE). *Observatório das Migrações em São Paulo*. NEPO. Unicamp: Campinas. Disponível em: https://consanpaolo.esteri.it/Consolato_SanPaolo/resource/doc/2017/02/pierfrancesco_dados-sincre.pdf. Acesso em: 5 jul. 2019.

Documentação para estrangeiros (2013, 24 dezembro). O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2013/12/24/documentacao-para-estrangeiros/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Erasmus Mundus no Brasil. (2012, 19 março). O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2012/03/19/erasmus-mundus-no-brasil/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Escudero, C. (2019, 20 maio). *"Hoje é dia de festa"*, por Camila Escudero. O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2019/05/20/pesquisa-hoje-e-dia-de-festa-por-camila-escudero/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Falas português? (2016, 5 fevereiro). O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2016/02/05/falas-portugues/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Fontoura, J. (2015, 5 outubro). *África do Coração*. O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2015/10/05/afrika-do-coracao/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Fotografias, debates e filmes enriquecerão curadoria sobre migração e refúgio na UFRJ. (2018, 11 maio). *O Estrangeiro*. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2018/05/11/fotografias-debates-e-filmes-enriquecerao-evento-sobre-migracao-e-refugio-na-ufrj>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Freire, P. (1970). *Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Fuentes-Flores, V. *Entre o Holocausto e as migrações contemporâneas*. Papo com Sofia Levy, na ASA. (2019, 5 agosto). O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2019/08/05/entre-o-holocausto-e-as-migracoes-contemporaneas-papo-com-sofia-levy-na-asa/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Gonçalves, C. *"A luta é necessária, pois nos fortalece", afirmam o haitiano Bob e a gambiana Mariama*. (2019, 6 novembro). O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2019/09/06/a-luta-e-necessaria-pois-nos-fortalece-afirmam-o-haitiano-bob-e-a-gambiana-mariama/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

IOM. *World Migration Report 2020*. International Organization for Migration. 2020. Disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2020.pdf. Acesso em: 29 mar. 2020.

Lesser, J. (2015). *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. São Paulo: Editora Unesp.

Machado, S. (2016, 23 julho). De pequena Turquia a pequena ONU. *O Estrangeiro*. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2016/07/23/de-pequena-turquia-a-pequena-onu/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Montaño, C., Nogueira, M., Bastos, V. (2019, 29 julho). *"Pessoa perigosa": a criminalização do migrante pela Portaria nº 666 de Moro*. O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2019/07/29/pessoa-perigosa-a-criminalizacao-do-migrante-pela-portaria-no-666-de-moro/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Oliveira, A. (2019). A migração regular no Brasil: movimentação e registros. In: Cavalcanti, L., Oliveira, T., & Macedo, M. (orgs.) *Imigração e refúgio no Brasil. Relatório anual 2019*. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra. Disponível em: [https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/relatorio-anual/RELAT%-C3%93RIO%20ANUAL%20OBMigra%202019.pdf](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/relatorio-anual/RELAT%C3%93RIO%20ANUAL%20OBMigra%202019.pdf). Acesso em: 29 mar. 2020.

Paraguassu, F. (2019, 15 agosto). *Mohammed ElHajji fala em evento do MAST sobre astronomia contra xenofobia*. O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2019/08/15/mohammed-el-hajji-fala-em-evento-do-mast-sobre-astronomia-contra-xenofobia/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Paraguassu, F., Bragança, M., Izecksohn, J., Petacci, A. L., & Vasconcelos, R. (2019, 13 julho). *[Clipping] Destaques de junho/2019: pedidos de refúgio; Dia Mundial dos Refugiados; torcedores na Copa América; xenofobia em Roraima*. O Estrangeiro, Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2019/07/13/clipping-destaques-de-junho-2019-pedidos-de-refugio-dia-mundial-dos-refugiados-torcedores-na-copa-america-xenofobia-em-roraima/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Pela igualdade. (2016, 20 março). *O Estrangeiro*. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2016/03/20/pela-igualdade-2/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Pelbart, P. (2003). *Vida Capital: Ensaio de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras.

Pires, R. et al. (2017). *Emigração portuguesa. Relatório estatístico 2017*. Lisboa: Observatório da Emigração. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/14830/1/OEm_EmigracaoPortuguesa_RelatorioEstatistico2017.pdf. Acesso em: 5 jul. 2019.

Programa de Psicologia Social da UFRJ oferece vagas para refugiados em cursos de Mestrado e Doutorado em 2020. (2019, 29 julho). *O Estrangeiro*. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2019/07/29/programa-de-psicologia-social-da-ufrj-oferece-vagas-para-refugiados-em-cursos-de-mestrado-e-doutorado-em-2020/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Ramos, G. *1 ano fora do Pacto Global para a Migração e o que isso simboliza sobre nossa atualidade*. (2020, 8 janeiro). O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2020/01/08/1-ano-fora-do-pacto-global-para-a-migracao-e-o-que-isso-simboliza-sobre-nossa-atualidade/>. Acesso em: 21 abr. 2020.

Rei Seely: *Um "refugiado feijoada"*. (2018, 1 outubro). O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2018/10/01/rei-seely-um-refugiado-feijoada/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Rodrigues, M., & Palma, G. (2020, 31 janeiro). *Brasil reconhece, de uma vez, 17 mil venezuelanos como refugiados*. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/31/brasil-reconhece-em-bloco-17-mil-venezuelanos-como-refugiados.ghtml>. Acesso em: 29 mar. 2020.

Rossini, J. P. (2019a, 3 novembro). *Terceira edição do Festival do Dia de Muertos no Rio de Janeiro; saiba mais sobre o evento intercultural mexicano*. O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2019/11/03/terceira-edicao-do-festival-do-dia-de-muertos-no-rio-de-janeiro-saiba-mais-sobre-o-evento-intercultural-mexicano/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Rossini, J. P. (2019b, 4 dezembro). *Série MITRA no Rio - Depoimento de alunos do Mestrado Erasmus Mundus MITRA e sua experiência no Rio de Janeiro*. O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2019/12/04/serie-mitra-no-rio-depoimentos-de-alunos-do-mestrado-erasmus-mundus-mitra-e-sua-experiencia-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 21 abr. 2020.

Schröder, U. (2008). *Comunicação Intercultural: uma desconstrução e reconstrução de um termo inflacionário*. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 9(1).

Schütz, A. (2010). *O estrangeiro: um ensaio em psicologia social*. *Revista Espaço Acadêmico*, 10(113), pp. 117-129.

Silverstone, R. (2006). *The Sociology of Communication and Mediation*. In Calhoun, Craig; Rojek, Chris e Turner, Bryan (Org.), *The Sage Handbook of Sociology* (pp. 188-207). Sage.

Souza, L. (2018, 5 julho) *Estudantes imigrantes aumentam 112% em oito anos nas escolas brasileiras*. Agência Brasil. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-02/estudantes-imigrantes-aumentam-112-em-oito-anos-nas-escolas-brasileiras>. Acesso em: 5 jul. 2019.

Uebel, R. (2016). *Testando os doze equívocos sobre as migrações de Grimson: o caso do Brasil no início do século XXI*. *Revista da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege)*, 12(17), pp. 103-122.

Vasconcelos, R. & Izecksohn, J. (2019, 8 julho). *Feira RIR: integração entre retirantes, refugiados, imigrantes e cariocas na Rocinha*. O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2019/07/08/feira-rir-integracao-entre-retirantes-refugiados-imigrantes-e-cariocas-na-rocinha/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Vicente, M. M.; Ferreira, M. F. (2016). *Eu e os outros em diálogo: revisitando conceitos sobre comunicação e alteridade*. *Revista de Estudos da Comunicação*, 17(43), 120-135. <http://dx.doi.org/10.7213/rec.v17i43.22556>

Villarreal, M. C. (2019, 26 julho). *Reflexões sobre as relações entre os Estados e as diásporas a nível global, por María Villarreal*. O Estrangeiro. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2019/07/26/pesquisa-reflexoes-sobre-as-relacoes-entre-os-estados-e-as-diasporas-a-nivel-global-por-maria-villarreal/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Data de submissão: 22/04/2020

Data de aceite: 03/07/2020